Dia 30 — São João Clímaco, Abade

São João Clímaco, assim chamado pelo excelente livro que compôs e que intitulou *Escada do Céu*, ou da perfeição, era, segundo se conjetura, de um lugar da Palestina. Nasceu no tempo do imperador Justiniano I, pelo ano de 525; e, se os grandes conhecimentos que teve das línguas, das artes e das belas-letras acreditam sua boa educação, esta mesma educação é testemunho de seu nobre nascimento.

A grande fama que desde jovem lhe adquiriu sua rara sabedoria mereceu-lhe o título de Escolástico; nome que naquele tempo só se dava aos que, dotados de um belo engenho, acompanhavam esta prenda de muita eloquência, de grande leitura dos antigos e de um profundo estudo em todas as ciências. Mas nosso João havia nascido para glória mais sólida. Tentaram-no muito pouco todas as floridas carreiras, todas as lisonjeiras esperanças com que o mundo o brindava. Aos dezesseis anos de sua idade renunciou-as todas; e, seguindo as impressões da graça, dedicou todo o seu estudo à importante ciência da salvação.

Resolvido a deixar o mundo, retirou-se ao monte Sinai sob a disciplina de um venerável ancião chamado Martírio, o qual, achando no novo discípulo toda a docilidade de um menino com toda a simplicidade de uma alma inocente e pura, em pouco tempo o fez adiantar muito no caminho da perfeição, e em menos de quatro anos tirou dele um dos mais hábeis mestres da vida espiritual.

Na verdade, nosso João não omitia coisa alguma de quantas podiam contribuir a facilitar-lhe tão admiráveis progressos. Era em extremo humilde. Sendo tão hábil em muitas faculdades e mais sábio do que correspondia a sua idade, mal abraçou a vida monástica pareceu não ter nem ainda tintura das letras. Não só deixou o mundo, mas o esqueceu. Era tão perfeita sua rendição e sua obediência tão cega como se não tivesse vontade própria. Desde o primeiro dia sujeitou de tal modo seus sentidos e adquiriu tanto domínio sobre suas paixões que parecia ter entrado já perfeito na religião.

Quatro anos empregou em instruir-se, ou, por melhor dizer, em aperfeiçoar-se no exercício das maiores virtudes. Morto seu santo mestre, quis consagrar-se a Deus mais perfeitamente por meio da profissão religiosa, cujo sacrifício fez com tão extraordinário fervor que o abade Estratégio, monge de grande virtude, que se achou presente, exclamou como com espírito profético: Estou vendo que João há de ser com o tempo uma tocha resplandecente no mundo.

Instruído já plenamente o recém-professo nas obrigações de seu estado, só pensou em desempenhá-las com a maior perfeição. Embora o abade do monte Sinai fosse como o arquimandrita ou o patriarca de todos os monges que povoavam os desertos da Arábia, e embora

houvesse um mosteiro sobre a mesma cima do monte, a maior parte dos monges vivia em celinhas ou em ermidas separadas, de maneira que todo o monte, falando em propriedade, não era senão um mosteiro. Logo que nosso João fez a profissão, retirou-se a uma ermida chamada Tole, situada ao pé da montanha, a duas léguas da igreja que em honra da santíssima Virgem havia feito edificar o imperador Justiniano, para comodidade de todos os monges que viviam espalhados entre as rochas e asperezas do Sinai. Nesta ermida viveu João por espaço de quarenta anos, com tão exemplar retiro e tão entregue aos santos exercícios de uma rigorosa penitência que não era chamado por outro nome senão pelo de anjo do deserto.

Não o deixou tranquilo muito tempo o inimigo da salvação. Mal se viu em seu retiro, sentiu-se assaltado das tentações mais violentas e mais perigosas. Brotaram como de repente, e lhe deram muito que sofrer, várias paixões até então desconhecidas ao santo mancebo. Amotinaram-se todas; mas João, cheio de confiança em Jesus Cristo e recorrendo à oração, ao jejum, às penitências e sobretudo à frequência dos sacramentos, achou sempre auxílios poderosos que o tiraram vitorioso de tão molesta como continuada guerra. Mantinha-se sempre sereno em meio da tempestade, porque jamais perdia o céu de vista; servindo-lhe as tentações para que brilhasse mais sua virtude e se purificasse mais e mais seu coração.

Conhecendo bem a destreza com que o espírito de vaidade sabe insinuar-se até pelos espinhos da penitência, fugia com o maior cuidado de tudo quanto podia ter visos de singularidade. Comia indiferentemente, sem escrúpulo nem melindre, de todos os manjares que lhe permitia sua profissão; mas em tão curta quantidade que não se sabia como podia manter-se. O sono era correspondente ao alimento; mas sua íntima e contínua união com Deus, a pureza de intenção e o aceso amor de Deus em que se abrasava seu peito, tudo isto dava tal preço às ações mais comuns de nosso solitário que não devemos admirar-nos de que em tão pouco tempo houvesse ascendido a tão eminente grau de santidade.

Elevou-o Deus ao estado de oração contínua; e bem se pode dizer que fez o santo seu próprio retrato na ideia que nos deu desta graça. Esta oração, diz em seu livro da *Escada santa*, consiste em ter um a Deus por objeto e por regra em todos os seus exercícios, em todos os seus pensamentos, em todas as suas palavras, em todos os seus movimentos, em todos os seus passos; em não fazer coisa que não seja com fervor interior e no conceito de que Deus está presente.

Este sublime dom de oração infundiu-lhe aquele grande amor que professava à solidão. A íntima comunicação com Deus lhe fazia intolerável o trato com os homens. Viram-no muitas vezes arrebatado da terra por meio de sobrenaturais operações da graça; e nestes êxtases comunicava-lhe o Senhor antecipadamente nesta vida os gostos e as delícias do céu.

Embora se dedicasse muito à leitura da Sagrada Escritura e dos santos padres, pode-se dizer que na contemplação das coisas divinas e dos mistérios da religião era onde principalmente bebia aquelas superiores luzes que lhe mereceram ser considerado, não como um mero contemplativo, mas como um grande doutor, como um padre da Igreja e uma das mais brilhantes luminárias de seu século. Mas fez sua humildade que esta tocha estivesse quarenta anos debaixo do alqueire, como escondida em sua cela.

Sem embargo, não pôde resistir a encarregar-se do ensino de um jovem solitário chamado Moisés, que, a fim de merecer esta caridade, havia empenhado todos os padres anciãos do deserto. Aproveitou-se bem o discípulo da habilidade do mestre, e valeu-lhe muito o grande poder que este tinha com Deus; porque, tendo-se adormecido a poucos dias debaixo de um enorme penhasco, ouviu entre sonhos a voz de seu mestre que o chamava; despertou Moisés, saiu prontamente daquela concavidade e mal havia saído quando se desprendeu o penhasco. Outro solitário, por nome Isaac, declarou-lhe as molestas tentações da carne que o tinham quase acabado, e no instante ficou livre delas pelas orações de nosso santo.

Quarenta anos havia que vivia no deserto, mais como anjo que como homem, quando o Senhor o tirou da obscuridade de sua ermida para torná-lo superior geral e pai dos monges do Sinai, com o nome de abade. Custou-lhe muito render-se, não sendo este o menor dos sacrifícios que fez a Deus em sua vida. Embora sua fama estivesse bem acreditada, com tudo isso admiraram-no muito mais quando o trataram mais de perto. Ganhou os corações de todos com sua brandura e com sua humildade. Sua grande caridade, ainda com os estranhos, não poucas vezes a acreditava o céu com singulares maravilhas. Concorreram a ele os povos da Palestina para que com suas orações alcançasse do céu a água de que necessitavam os campos, e no ponto os viram abundantemente regados de uma copiosíssima chuva. Não se encerrava dentro das províncias do Oriente a fama de sua santidade. São Gregório Magno escreveu-lhe para encomendar-se às suas orações e enviou-lhe alguns móveis para o hospital que haviam fabricado ao sopé do monte Sinai.

A rogos de João, abade de Raito, seu íntimo amigo, compôs nosso santo o admirável livro da *Escada do Céu*, dividida em trinta graus ou degraus, que contêm todos os progressos da vida espiritual, desde a primeira conversão até a perfeição mais elevada. Desde logo se julgou que esta obra era superior à inteligência do comum dos homens, por causa de certo caráter de sublimidade ao alcance de poucas pessoas; mas se acha nela um fundo de espiritualidade pleno e sólido, que é de grande proveito e que agrada. O estilo é conciso e figurado e, contentando-se com expor a doutrina em ideias sucintas, fala quase sempre por sentenças.

Tratando da obediência, refere admiráveis exemplos que observou num mosteiro do Egito, onde uns venerandos anciãos obedeciam com a simplicidade de meninos e onde se contavam trezentos e trinta monges que só tinham uma alma e um coração. A poucos passos deste mosteiro havia outro que se chamava a Prisão, onde se encerravam voluntariamente os que depois da profissão haviam caído em alguma culpa grave. As assombrosas penitências que refere o santo daqueles homens verdadeiramente arrependidos não se podem ler sem lágrimas.

A esta obra acrescentou São João Clímaco um tratadinho que se intitula *Carta ao Pastor*; e este pastor é o mesmo bem-aventurado João de Raito a quem dirigiu sua *Escada do Céu*.

Mas era tão grande o amor que professava à solidão que continuamente estava suspirando por sua apetecida ermida; e assim, ao cabo de quatro anos, renunciou o ofício de superior, sem serem bastantes para fazê-lo mudar de resolução os rogos nem as lágrimas de seus súditos, que só tiveram o consolo de lograr por superior no emprego a Jorge, irmão mais velho de nosso santo.

Sobreviveu pouco tempo à renúncia. Restituído a seu amado retiro, era toda a sua ocupação pensar naquele felicíssimo momento que havia de uni-lo indissoluvelmente com seu Deus. Dispôs-se para ele com extraordinário fervor e, cumulado de virtudes e merecimentos, morreu no dia 30 de março de 605, quase aos oitenta de sua idade, tendo passado sessenta e quatro no deserto. Quando estava para expirar, aproximou-se dele seu irmão, o novo abade, e, desfazendo-se em lágrimas, rogou-lhe que lhe alcançasse de Deus que não o deixasse por muito tempo neste mundo. Serás ouvido, respondeu-lhe João, e morrerás antes que se acabe o ano; como sucedeu dez meses depois.

Martirológio Romano

Em Roma, na via Ápia, a paixão de São Quirino, tribuno, o qual foi batizado com toda a sua família pelo papa São Alexandre, a quem tinha em sua custódia; e, tendo sido entregue ao juiz Aureliano no tempo do imperador Adriano, como permanecesse firme na confissão da fé, depois de haverem-lhe cortado a língua, as mãos e os pés e de havê-lo posto no potro, por último, tendo-o degolado, chegou à coroa do martírio.

Em Tessalônica, os santos Domnino, Vítor e seus companheiros, mártires.

Em Constantinopla, a memória de vários santos mártires da comunhão católica, a quem o heresiarca Macedônio fez dar morte, no tempo do imperador Constâncio, com suplícios até então inauditos; pois, entre outras atrocidades, mandou rasgar os peitos a mulheres cristãs, apertando-os debaixo de tampas de arcas e queimando-os depois com ferros feitos brasa.

Em Senlis, São Rieul, bispo de Arles. Em Orléans, São Pastor, bispo.

Em Siracusa, São Zósimo, bispo e confessor. No monte Sinai, São João Clímaco, abade. Em Aquino, São Cline [^1], confessor.

Missa (oração)

A missa é do domingo precedente, e a oração do santo é a que se segue:

> **Latim:** *Intercessio nos, quæsumus, Domine, beati Joannis abbatis commendet: ut quod nostris meritis non valemus, ejus patrocinio assequamur. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Rogamo-vos, Senhor, que a intercessão do bem-aventurado abade João nos torne recomendáveis à vossa divina Majestade, para que consigamos por seu patrocínio o que não podemos por nossos merecimentos. Por nosso Senhor Jesus Cristo.

Epístola

A epístola é do capítulo 66 do profeta Isaías. [^2]

Isaías 66,3-4

> **Latim:** 3 Qui immolat bovem, quasi qui interficiat virum ; qui mactat pecus, quasi qui excerebret canem ; qui offert oblationem, quasi qui sanguinem suillum offerat ; qui recordatur thuris, quasi qui benedicat idolo. Hæc omnia elegerunt in viis suis, et in abominationibus suis anima eorum delectata est. 4 Unde et ego eligam illusiones eorum, et quæ timebant adducam eis ; quia vocavi, et non erat qui responderet ; locutus sum, et non audierunt ; feceruntque malum in oculis meis, et quæ nolui elegerunt.

Português: 3 O que immóla hum boi, he como o que mata a hum homem: o que sacrifica huma rez, he como o que deita os miolos fôra a hum cão: o que oferece oblação, he como o que oferece sangue de porco: o que se lembra de queimar incenso, he como o que bemdiz a hum idolo. Todas estas cousas gostarão elles de fazer andando nos seus caminhos, e a sua alma se deleitou nas suas abominações. 4 Por onde tambem eu farei gosto de zombar d'elles, e farei vir sobr'elles o que temião: porque eu chamei, e não havia quem me respondesse: fallei, e não me derão ouvidos: e fizerão o mal diante de meus olhos, e escolherão o que eu não quiz.

Nota

«O profeta Isaías, diz São Jerônimo, não somente me parece grande profeta, mas o considero como apóstolo e até como evangelista [^3]; porque fala dos sucessos de Cristo e do Evangelho com tanta clareza, com tanta precisão que mais parece historiador do passado que profeta do futuro.»

Reflexões

In abominationibus suis anima eorum delectata est. Nunca está são o espírito quando está corrompido o coração. A enfermidade de ambos se comunica ao entendimento, e apaga-se a fé

numa alma embrutecida. Que digno de compaixão é aquele em quem só reina a paixão! Que cego o que não tem mais luz que a que esta lhe comunica!

Realmente nem todos os erros são do entendimento; também o coração padece seus descaminhos. Enfermidades são suas ilusões; poucas deixam de ser incuráveis, nenhuma deixa de ser voluntária, e suas consequências sempre são perigosas. Nunca para o precipício na metade quando o que se despenha se precipita por inclinação.

É o amor-próprio fecundo manancial destas ilusões. Jamais se olham com desconfiança, porque sempre lisonjeiam. Mal reinam na alma, a razão perde sua liberdade. Entendimento, gênio, educação, juízo, tudo cede a sua impressão, tudo se rende a seu impulso. Não progridem as paixões nem fazem estragos senão por irem encobertas na névoa que essas ilusões causam. Os erros do mesmo entendimento não têm outro princípio; é preciso curar primeiro o coração para secar o manancial mais ordinário das preocupações e das ilusões do entendimento. Poucos há que estejam isentos desses prestígios da vontade; e ainda são menos os que se defendem deles. Que condição há tão feliz, que estado tão perfeito que esteja a coberto destes erros? Os grandes nascem de ordinário com certas preocupações a favor seu, de que rara vez se curam perfeitamente. O povo se farta com tudo o que o lisonjeia. A verdadeira região das ilusões do coração é o mundo; poucos mundanos há que não estejam preocupados delas, e que tirânico império não exercem sobre um entendimento que faz delas a regra de sua devoção, de sua religião e de sua conduta! São testemunhas os judeus das maravilhas que obra o Salvador para convencê-los de que é o Messias prometido. Verifica visivelmente até as menores circunstâncias do que vaticinaram os profetas. Leem estas profecias, veem aqueles milagres e não querem crer: porque sua incredulidade mais procede do coração que do entendimento. De que outro princípio nascem a obstinação dos pecadores e a teimosia dos hereges?

Insaciabilidade de ambição e cobiça, encaprichamento de partido, rancores inesgotáveis, ódios eternos, hipocrisia de profissão: tudo isto é o efeito ordinário das ilusões do coração. Não há vício que não acariciem; poucos que não tornem plausíveis logo que elas os adotam; e aquela artificiosa segurança em que vivem muitas pessoas cuja consciência tinha sobrados motivos para estar inquieta e sobressaltada é o fruto mais natural destas voluntárias ilusões. Não só se faz costume, mas se faz diversão da maldade, como diz o Profeta. *In abominationibus suis anima eorum delectata est*: forma sua alma suas delícias de suas abominações. Então chama Deus, e ninguém lhe responde; fala, e não há quem o atenda: *Locutus sum, et non audierunt.* Não há coisa que faça tanto ruído para que não se ouça a voz de Deus como as ilusões do coração.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 27 de São Mateus.

Mateus 27,51-54

> **Latim:** [51] Et ecce velum templi scissum est in duas partes a summo usque deorsum : et terra mota est, et petræ scissæ sunt, [52] et monumenta aperta sunt : et multa corpora sanctorum, qui dormierant, surrexerunt. [53] Et exeuntes de monumentis post resurrectionem ejus, venerunt in sanctam civitatem, et apparuerunt multis. [54] Centurio autem, et qui cum eo erant, custodientes Jesum, viso terræmotu, et his quæ fiebant, timuerunt valde, dicentes : Vere Filius Dei erat iste.

Português: [51] E eis-que se rasgou o véo do templo em duas partes d'alto abaixo: e tremeo a terra, e partirão-se as pedras, [52] e abrirão-se as sepulturas: e muitos corpos de santos, que erão mortos, resurgirão. [53] E sahindo das sepulturas depois da resurreição de Jesus, vierão á cidade santa, e apparecerão a muitos. [54] Mas o centurião, e os que com elle estavão de guarda a Jesus, tendo presenciado o terremoto, e os successos que acontecia, tiverão grande medo, e dizião: Na verdade este homem era Filho de Deos.

Meditação

Da glória de Cristo nas ignomínias de sua morte

Primeiro ponto

Considera que durante a vida mortal de Jesus Cristo sua divindade só se manifestou como por entre nuvens; mas em sua morte ela toda se fez patente a nossos olhos. O céu, a terra, seus mesmos inimigos, as profecias que precederam, a fé dos povos que se seguiu, a mesma força da razão, os prodígios, os milagres; tudo nos prega sua divindade; tudo demonstra invencivelmente sua onipotência; tudo nos obriga a admirar sua sabedoria; tudo concorre a sua glória; tudo convence de sua inocência e santidade.

Não havia coisa mais fácil para o Salvador que evitar a morte: conhecia muito bem a malignidade dos judeus e penetrava suas perversas intenções. *Quid me quæritis interficere* [^4]? Por que procurais dar-me a morte? Declara a Judas sua traição. Com tudo, morre, e morre depois de haver dito ele mesmo todas as circunstâncias de sua morte; depois de haver feito individual e miúda menção de tudo o que havia de padecer; depois de haver notado que tudo isto havia de suceder para que se cumprisse o que estava pronosticado pelos profetas.

Morre Cristo: e tudo quanto aconteceu em sua paixão e em sua morte, tudo é divino, tudo maravilhoso: a majestade, a gravidade, a doçura de seu semblante, que em tudo e por tudo o acompanha; aquele silêncio tão distante de todo desdém, de toda fereza; a malignidade, a raiva de seus inimigos, que não podem acusá-lo senão de seus milagres, de seus benefícios, de sua mansidão e de sua paciência.

Morre Cristo: e quantos prodígios acompanharam sua morte? E que maior prodígio que sua morte mesma? Eclipsa-se o sol sem que nenhum corpo opaco no-lo encubra; treme a terra, rompem-se os penhascos e toda a natureza se estremece no mesmo instante em que expira este homem Deus. Não morre porque lhe faltem as forças; se fosse por isso, já lhe teria tirado naturalmente a vida o muito sangue que derramara; morre porque quer e quando quer; o que não é próprio senão de um homem Deus, o que acredita até na mesma morte a soberania de Deus e a independência.

Morre Cristo; e faz escada da mesma infâmia para subir à mais elevada glória. No meio da ignomínia da morte faz visível sua divindade. Os judeus e gentios, que não o reconheceram por filho de Deus vendo-o fazer milagres, exclamam ao vê-lo expirar que é o verdadeiro filho de Deus: *Vere filius Dei erat iste.* Morre numa cruz e dela dispõe do reino dos céus, e por ela triunfa do príncipe deste mundo, e com ela doma o orgulho do mesmo mundo; e esta cruz a coloca sobre as ruínas da idolatria e da infidelidade. Não se pretende ocultar sua morte às nações remotas, não se trata de dissimular nem diminuir sua infâmia: *Prædicamus Christum crucifixum.* Nunca se prega sua divindade senão mostrando-o cravado num madeiro, declarando o gênero de sua morte com todas as suas chagas e afrontas; e os gregos, aquele povo tão soberbo, e os romanos, aquela gente tão orgulhosa, e os bárbaros, todos estes povos que olhavam com horror um homem crucificado, adoraram Jesus Cristo na cruz, reconheceram-no por seu Deus, por seu Redentor, por seu Juiz. Depois disto, pede milagres para crer.

Ah, divino Salvador meu, e com quanta razão dissestes vós que o milagre dos milagres éreis vós mesmo expirando numa cruz! Se depois deste milagre não vos adoro com um coração verdadeiramente contrito e humilhado, se não vos amo com ternura e com ardor, se não me faz impressão vossa morte, se vos nego até uma lágrima, que espécie de milagre, que espécie de portento não serei eu mesmo!

Segundo ponto

Considera quanto deve avivar nossa fé, acender nossa devoção e alentar nossa confiança a vista de Cristo crucificado. Mas experimento em mim estes efeitos?

Vejo nesta cruz meu Deus, meu Redentor, meu Pai. Um Deus na cruz me descobre o preço, o mérito das cruzes, isto é, das humilhações, dos abatimentos e dos trabalhos. Um Salvador na cruz é remédio eficaz para todas as minhas enfermidades. Um pai na cruz é um objeto lastimoso de ternura, que deve arrebatar-me o coração, porque não pode acreditar melhor o infinito que me ama. *Ecce quomodo amabat eum*, grita aquela cruz a todo o céu e a toda a terra. Ela publica até que ponto chegou o excesso do amor que Jesus Cristo me teve; convém nisso todo o universo, e talvez só eu não entendo esta linguagem.

Ecce. Não só nesta vida é a imagem da santa cruz o maior testemunho da excessiva ternura com que Cristo nos amou, mas será eterno este memorial de seu amor e de sua morte. *Ecce*, dirá por toda uma eternidade a um infeliz condenado: vê se podia subir mais de ponto a ternura de Deus para contigo. *Ecce*, vê se não fez bastante e sobejo Jesus Cristo para livrar-te deste fogo eterno, deste inferno em que agora te vês por culpa tua. Ó meu Deus, e que reconvenção tão dura! Ó que

cruel suplício é a memória de Cristo morrendo, que um condenado não poderá perder jamais!

Ecce, diz esta mesma imagem aos predestinados; *Ecce*, eis aqui a quem deveis vossa felicidade eterna. Compreendei bem o excesso de seu amor, a imensidade de sua ternura. Eles a compreenderão; e deste conhecimento nascerá aquele consolo, aquela alegria, aqueles ímpetos de amor, aqueles filiais recursos, aqueles movimentos de gratidão e de profundo reconhecimento de que estará continuamente penetrado seu coração.

Ai, doce Jesus meu! Que efeito causará em mim, durante a eternidade, a memória de tua morte? Será para mim objeto de consolo ou de desesperação? Mas ah! para conhecê-lo não tenho mais que examinar os efeitos que agora me causa em vida. Espero em vós, divino Salvador meu, que com vossa graça me servirá a cruz em vida de regra para viver, em morte de fundamento para confiar, e depois dela de motivo para alegrar-me por toda a eternidade. Assim seja.

Jaculatórias

> *Quid retribuam Domino, pro omnibus quæ retribuit mihi? Calicem salutaris accipiam.* Sl 115.

Com que agradecerei a meu Deus os benefícios que recebi de sua infinita bondade? Abraçarei com gosto as cruzes, os trabalhos com que se dignar presentear-me, e beberei gostoso o cálice de sua paixão.

> *Christo confixus sum cruci.* Gl 2.

Crucificado estou na cruz com meu Senhor Jesus Cristo.

Propósitos

1. [^5] Estima-se a humildade, mas foge-se da humilhação. A humildade é uma virtude que tem seu mérito, seu esplendor, e que até dá honra. Por esta razão se prezam muitos de humildes; mas sem querer ser humilhados, porque as humilhações são ásperas e sem brilho. Não só não há coisa nelas que fomente o amor-próprio, mas o aniquilam e são peçonha do orgulho; por isso se as olha com tanto horror. Não há devoto algum que não julgue de si que é humilde; mas, chegando por sua casa a humilhação, altera-se; a só sombra da humilhação sobressalta. Que ilusão, que erro, se, padecendo este desgosto, um se imagina humilde! Humilhou-se Jesus Cristo, diz o Apóstolo; mas humilhou-se entre os opróbrios de que o cobriram, entre os açoites com que lhe despedaçaram as

carnes, no afrontoso madeiro onde expirou. Não se chega a ser humilde porque se estima e se ama a humildade, mas porque se ama e se deseja a humilhação; isto é o que nos dá a entender Jesus Cristo pela humildade de coração. Esta lição é importante; o Salvador a ensina desde a cátedra da cruz. Nunca ponhas os olhos num crucifixo sem ouvir esta muda lição que dá o Senhor a seus discípulos.

Discite a me. Não te contentes com ouvi-la; dá todos os dias algumas provas de que a aprendeste; e, se queres algum exercício prático, observa o seguinte. Primeiro: nunca sustentes teu parecer com calor; cede aos que defendem o seu com aspereza e com vivacidade, a menos que o assunto seja de tanta importância que não te permita ser indulgente. Segundo: quando te atribuírem alguma coisa que não fizeste, não te escuses nem te justifiques, a menos que Deus te mande o contrário. Terceiro: oferece ao Senhor todas as manhãs, aos pés de um crucifixo, todas as humilhações que aquele dia for servido de enviar-te, aceitando-as de boa vontade e pedindo-lhe graça para aproveitar-te delas. Quarto: olha com olhos cristãos as cruzes, os trabalhos e os abatimentos; honra singularmente as pessoas aflitas e humilhadas, acreditando com as obras tua estima e teu carinho. Não há sinal de predestinação menos duvidoso nem menos equívoco que as humilhações.

2. Já se te aconselhou que no oratório ou no quarto tenhas um crucifixo destinado para que te auxiliem com ele na hora da morte. Toma-o muitas vezes na mão e suplica-lhe com as maiores veras que te diga agora no coração o que te há de dizer naquela derradeira hora. Pensa que já te está fazendo os mesmos cargos que então te há de fazer. Agora te achas em tempo e em lugar de remediar muitas coisas; não dilates a execução. Este piedoso exercício, repetido algumas vezes cada mês, é muito proveitoso e serve maravilhosamente para reformar os costumes em vida e para dispor-nos a uma santa morte.

[^1]: Grafia do original (OCR: “Cline”). [^2]: O trecho começa no meio do versículo 3 (“Qui recordatur thuris...”); o bloco a seguir traz os versículos 3-4 inteiros. [^3]: S. Jerônimo, Prefácio a Isaías (Hieron., Præfat. in Isai.). [^4]: Jo 7,19. [^5]: O OCR traz “4.” por “1.”.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:46:32 by Admin
Updated 20 November 2026 20:46:32 by Admin